

xada e quase abandonada.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia oficialmente não exige que, no ritualismo da Ceia, se pratique o ósculo santo, como o fazem alguns ramos pentecostais. Apenas mantém o sentido da cordialidade cristã. Após o lava-pés, os adventistas abraçam-se mutuamente, e mutuamente apertam-se as mãos, como ocorre também nos lares, nos limites do santo sábado. Cumprimentos, abraços e palavras cordiais repassadas de animação cristã conservam o sentido do antigo ósculo santo.

Há, no entanto, alguns irmãos que fazem questão de oscular, e crêem que ósculo é uma ordenança que ainda deve ser observada, e citam em abono de sua atitude, os seguintes trechos do Espírito de Profecia:

"Foi então que a sinagoga de Satanás conheceu que Deus nos havia amado a nós, que lavávamos os pés uns aos outros e saudávamos os irmãos com ósculo santo". — *Vida e Ensinos*, p. 58.

"A santa saudação mencionada no evangelho de Jesus Cristo pelo apóstolo Paulo deve ser considerada no seu verdadeiro caráter. *Trata-se de um ósculo santo*. Deve ser considerada como um sinal de amizade para cristãos amigos quando partem, e quando se encontram de novo após semanas ou meses de separação. Em I Tess. 5:26, Paulo diz: 'Saudai a todos os irmãos com ósculo santo'. No mesmo capítulo ele diz: 'Abstende-vos de toda aparência de mal'. Pode não haver aparência de mal quando o ósculo santo é dado no tempo e em lugar próprios". — *Primeiros Escritos*, p. 127.

Nada se deve opor a um adventista sincero que, plenamente convicto em matéria do ósculo, o pratique crendo que assim cumpre melhor o sentido da amizade e cordialidade cristãs. Nada pode marear a limpeza e a pureza da intenção. Argumentam alguns que hoje, dada a maré montante de homossexualidade que avassala nosso mundo agonizante, tal prática não deve ser incrementada. Não aceitamos isto. A Bíblia diz que "tudo é puro para os que são puros", e num ambiente de pessoas de coração afinado

com o Céu, cremos mesmo que esta prática é altamente salutar, embora, como dissemos, oficialmente nossa igreja não considera o assunto.

VINHO NA BÍBLIA

O vinho mencionado na Bíblia é sempre bebida fermentada? — A. O.

Não há muito respondemos, por esta coluna, a respeito do vinho das bodas de Caná, que se tratava de suco de uva, conforme declaração do Espírito de Profecia no livro *O Desejado*. Há, porém, passagens bíblicas, em que pelo próprio contexto, se verifica tratar-se de bebida espirituosa. No Velho Testamento há duas palavras hebraicas geralmente empregadas para designar o vinho: *yayin*, que se refere a suco fermentado de uvas, e *tirosk*, que se refere a vinho doce, fresco, sem fermentação, não alcoolidado. Por exemplo, em Salmo 104:15; Prov. 20:1; Isa. 5:11 e Hab. 2:5, se emprega a palavra *yayin*, vinho fermentado. Há um caso curioso em Isa. 25:6, sobre vinho clarificado, sem borras. Era um vinho que devia ser filtrado antes de ser usado.

No Novo Testamento a palavra vinho está no grego *oinos*, significando *na maioria dos casos* vinho fermentado, como em Efés. 5:18, e provavelmente em I Tim. 5:23. Já em S. João 2:9-11 a referência é ao suco de uva, como se despreende do contexto, pelas talhas cheias, e pelo fato de que Cristo jamais poderia ser fabricante de bebidas alcoólicas.

Voltando ao Velho Testamento, a palavra *tirosk* geralmente designa suco de uvas ou outras frutas, embora, algumas vezes e raramente, indica mosto, que é o suco em fase de fermentação. Assim em Gên. 27:37; Núm. 18:12, etc.

Outra bebida intoxicante mencionada no Velho Testamento é o *shekar*, feito de grãos fermentados, mel ou tâmara. É geralmente traduzido por "bebida forte". O principal para nós, adventistas e abstêmios, é que a Bíblia está recheada de sérias advertências contra os efeitos

nocivos das bebidas espirituosas. Foi uma das causas da queda de Judá e Israel, como se pode ler em Isa. 5:11; 28:1, 7.

CITAÇÃO FORA DO CONTEXTO

Li numa lição editada pelos reformistas que a Sra. White viu um quadro triste: Deus havia retirado Seu Santo Espírito da Igreja, sugerindo que se trata da I.A.S.D. Está correta a afirmação? — D. P.

Não, não está correta.

Assim está na parte do trecho mencionado, na publicação do movimento espúrio: "Mas oh, que quadro triste... Ele retirará Seu Espírito Santo da igreja, e O dará a outros que não de apreciá-Lo". E a idéia é mesmo aplicar isto à atual Igreja Adventista. Entretanto há aí um recurso desonesto, chamado supressão do contexto. Vamos reproduzir exatamente como consta do original o trecho completo do Espírito de Profecia, sem supressões e sem desonestidade. Vamos propositadamente grifar apenas o que consta da lição editada por eles. "*Mas, oh que quadro triste! Aqueles que não se submetem à influência do Espírito Santo logo perderão as bênçãos recebidas quando reconhecerem a verdade como vinda do Céu. Cairão numa formalidade fria e sem animação; perdem seu interesse pelas almas que perecem: deixaram seu primeiro amor*". E Cristo lhes diz: "Lembra-te, pois, donde caíste, arrepende-te e pratica as primeiras obras; senão virei a ti sem demora, e removerei teu castiçal, se não te arrependeres". *Ele retirará Seu Espírito Santo da igreja, e O dará a outros que O apreciarão*". — *Review and Herald*, 16 de julho, 1895, p. 273.

Como se vê, a Sra. White, está admoestando aqueles que não se submetem ao Espírito de Deus. Aliás o título do artigo já diz tudo: "A Grande Necessidade do Espírito Santo", e é aplicável às igrejas frias e sem fervor espiritual. Boa parte desse artigo (concluído na edição da R&H de 23 de julho do mesmo ano) encontra-se em *Evangelismo*, pp. 16, 105, 382, 383, 692,

693 e 700. Não há nem remotamente a mais leve idéia de que Deus retiraria Seu Espírito da Igreja Adventista do Sétimo Dia e muito menos que O daria a esse movimento espúrio e infeliz.

A INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA

Acho que a Bíblia clama pela nossa fé para crermos em sua inspiração divina. Por que ela não contém, em si mesma, uma prova esmagadora de sua inspiração? — T.N.

O consulente disse uma verdade axiomática: sem fé é impossível aceitar-se a inspiração da Bíblia, a salvação em Cristo, enfim todo o plano divino. As Escrituras Sagradas, como o próprio Cristo, constitui uma prova moral, que só é satisfeita com uma decisão baseada na fé. O Criador não subtrai do homem o livre arbítrio, a liberdade de estudar, pesquisar, avaliar, aceitar ou rejeitar a Palavra de Deus, não subtrai isto mediante provas esmagadoras da inspiração desta mesma Palavra. Deus, se quisesse, poderia manifestar-se esplendorosamente sobre cada cidade do mundo, como o fez no Sinai. Poderia escrever, em caracteres de fogo, nas nuvens do céu, um apelo em favor da inspiração de Sua Palavra. No entanto, um tal procedimento tornaria os homens meros robôs, meros autômatos, que obedeceriam pelo temor e não pelo amor. A fé, contudo, para ter valor, não deve ser cega, mas repousar, em evidências, e não em demonstrações espetaculosas. As profecias históricas, por exemplo, escritas séculos antes que ocorressem os fatos preditos, constituem uma sólida evidência da veracidade e autenticidade do Livro Santo. Seus ensinamentos morais e espirituais, do mais alto nível, constituem outra evidência de sua inspiração.

Quem exigiria provas demonstrativas de que sua escolha de uma profissão, de uma companheira para a vida, foi correta? Em religião, como em tudo o mais, nossa escolha ou decisão tem de basear-se em evidências convincentes. E ao sincero e humilde perscrutador das Escrituras oferecem-se numerosas evidências.